

Jair Barboza

Schopenhauer:
a decifração do enigma
do mundo



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Coordenador de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Revisão: *Caio Pereira*
Iranildo Bezerra Lopes
Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barboza, Jair

Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo / Jair Barboza. – São Paulo: Paulus, 2015. –
(Coleção Como ler filosofia)

ISBN 978-85-349-4233-1

1. Filosofia alemã 2. Schopenhauer, Arthur, 1788-1860 - Crítica e interpretação I. Título. II. Série.

15-07047

CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

1. Schopenhauer: Filosofia alemã 193

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627
Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4233-1



Introdução

A filosofia de Schopenhauer origina-se de uma “intuição de mundo”, intuição esta que em seguida é exposta conceitualmente visando a sua acessibilidade ao público. A obra principal de Schopenhauer, *O mundo como vontade e como representação*, foi concebida a partir dos 15 anos de idade, e sua redação começou quando o autor tinha 26.

Schopenhauer procura situar-se na intersubjetividade, nas estruturas mentais e sensitivas comuns a cada ser humano, para, a partir delas, falar uma linguagem universal, claramente compreensível.

Tocado na juventude pelo sofrimento humano, a tarefa norteadora de sua obra é compreendê-lo filosoficamente, investigando os fundamentos que fazem as alegrias serem módicas, escassas, enquanto as dores são muitas. Certa vez declarou: “Aos meus dezessete anos, sem nenhum preparo escolar ainda, senti-me acometido, de súbito, pelas dores do mundo, tal como deve ter acontecido ao jovem Buda quando encontrou pela primeira vez a doença, a velhice e a morte”.

Essa observação sobre o caráter obscuro da vida pode parecer pessimismo absoluto, mas, na verdade, Schopenhauer colocará como alvo de seu pensamento aquilo que podemos denominar *filosofia do consolo*.

Sem dúvida, para ele a raiz das coisas é o mau radical, *alles Leben ist Leiden*, “toda vida é sofrimento”, cujos polos opostos são a dor e o tédio; contudo, não são negados os, embora escassos, momentos iluminados e redutores da vida: a beleza, a simpatia (amor compassivo e sexual), a santidade.

Momentos nos quais o humano é assaltado pela liberdade de conhecimento, que o leva a dissolver a sua individualidade num sentimento de “união mística” com o todo.

Comprova ainda a sua proposta, que poderíamos também denominar catártica, terapêutica de filosofar, a redação dos *Aforismos para a sabedoria da vida*, conjunto de máximas dirigidas a uma existência sábia, ou seja, menos infeliz, por conseguinte feliz até onde é permissível a seres essencialmente carentes, à mercê de desejos que não podem ser todos satisfeitos, e que vivem num mundo que mais parece o inferno.

O pensamento schopenhaueriano é, assim, marcado pelo *pessimismo metafísico*, porém deixa em aberto a possibilidade de máximas para uma vida sábia.

Essa filosofia com pretensões catárticas, após apontar as múltiplas ilusões do mundo, submetido à transitoriedade do tempo que flui sem cessar e no qual o momento posterior é o assassino do momento anterior – portanto um mundo de mudanças contínuas – indica a imortalidade da nossa essência íntima, apontando para o erro de pensarmos na morte como o grande mal; a morte não é o nosso fim: ela é tão somente o desaparecimento da aparência corporal, porque no fundo somos imortais, já que o nosso caráter (imutável) finca raízes na essência íntima da natureza, essência que, isenta de qualquer nascer ou perecer, subjaz integral e indivisa a toda coisa.

O filósofo também insiste na possibilidade, aberta a qualquer um, de penetrar no núcleo das aparências, e ascender do fluxo temporal das coisas que desaparecem à eternidade, o que possibilita a intuição, a visão de protótipos imutáveis mediante a contemplação das Ideias eternas. Isso significa a concomitante transformação da consciência temporal e empírica, culpada, do indivíduo numa consciência melhor e livre.

Se, de um lado, Schopenhauer questionou acre e amargamente a vida, sublinhando suas mazelas e armadilhas – velhice, doença, triunfo do trapaceiro, queda do bom, ascensão

do malvado, castigo para o justo, recompensa para o injusto, traição etc. –, de outro lado, foi o pensador que fundou a sua ética, a concepção do valor das ações humanas e do caráter dos agentes, se bons ou maus, na *compaixão*, sentimento muitas vezes supressor dos sofrimentos alheios (inclusive dos sofrimentos animais). E, sempre que houve a oportunidade, cantou a beleza natural e artística, chamou a atenção para o poder do amor, principalmente o desinteressado, demonstrado por santos, compassivos e pelas pessoas comuns e anônimas com seus atos caridosos.

No âmbito da estética, o pensamento de Schopenhauer impactou em escritores, pintores, músicos, artistas e filósofos em geral. Entre nós, citemos o poeta Augusto dos Anjos e o romancista e contista Machado de Assis. Ambos, em meio a cosmovisões pessimistas, trabalham uma saída artística para a existência: Augusto dos Anjos, sublinhando o papel redentor da arte; e Machado de Assis (da chamada fase realista) procurando o efeito cômico pelo emprego da ironia.

Enfim, entre luz e sombra move-se essa filosofia concebida por um jovem de quinze anos, um jovem intrigado com o fato de, lado a lado, poderem se dar os gemidos do paciente sobre o leito hospitalar e o prazer do casal de apaixonados.